

LÍNGUA E HISTÓRIA NO UNIVERSO MITOLÓGICO DE J. R. R. TOLKIEN

LANGUAGE AND HISTORY IN THE MYTHOLOGICAL UNIVERSE OF J. R. R. TOLKIEN

LENGUA E HISTORIA EN EL UNIVERSO MITOLÓGICO DE J. R. R. TOLKIEN

Paulo Victor Freire Ribeiro¹
Thays Carvalho Cesar²
Renan da Cruz Padilha Soares³

*Uma língua vai armazenando, seja no léxico, seja na gramática, a história de um determinado povo. Dessa forma, é o mais poderoso depósito de tradição de uma dada comunidade. Por isso, é sempre “rastros de velhos mistérios”.*⁴

Resumo

O mundo fantástico de J. R. R. Tolkien não encontra paralelos na literatura. Dentre as inúmeras, reconhecidas, estudadas e admiradas qualidades de sua criação, trata-se, neste espaço, do papel das línguas e da história no universo tolkieniano. Discute-se neste artigo a criação dos idiomas artificiais desenvolvidos pelo autor, suas inspirações, traçando breve correlação entre a história interna das línguas élficas com a dos idiomas indo-europeus. Tenciona-se com este trabalho fornecer ao leitor um panorama sobre as intrincadas relações entre língua, história e cultura como ponto de partida e base para o desenvolvimento do universo criado por Tolkien e não como meros elementos decorativos de sua narrativa.

Palavras-chave: Língua. História. Literatura.

Abstract

The fantastic world of JRR Tolkien is unparalleled in literature. Among the countless, recognized, studied and admired qualities of his creation, this space deals with the role of languages and history in Tolkien's universe. This article discusses the creation of artificial languages developed by the author, his inspirations, tracing a brief correlation between the internal history of the Elvish languages with the Indo-European languages. The aim of this work is to provide the reader with an overview of the intricate relations between language, history and culture as a starting point and basis for the development of the universe created by Tolkien and not as merely decorative elements of his narrative.

Keywords: Language. History. Literature.

Resumen

El mundo fantástico de J. R. R. Tolkien no encuentra paralelos en la literatura. Entre las innumerables, reconocidas, estudiadas y admiradas cualidades de su creación, se tratará, en este espacio, el rol de las lenguas y de la historia en el universo tolkieniano. Se discutirá en este artículo la creación de los idiomas artificiales desarrollados por el autor, sus inspiraciones, esbozando breve correlación entre la historia de las lenguas élficas con la de los idiomas indoeuropeos. Se pretende con este trabajo ofrecer al lector un panorama sobre las intrincadas relaciones entre

¹ Graduando em Letras (bacharelado). Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo. E-mail paulovfr@alumni.usp.br.

² Professora-orientadora no Centro Universitário Internacional Uninter. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Neurociência pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal. E-mail thays.c@uninter.com.

³ Professor-orientador no Centro Universitário Internacional Uninter. Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Prática em Educação Básica pelo Colégio Pedro II. E-mail renan.s@uninter.com.

⁴ FIORIN, 2014, p. 69. “Nem sempre podemos apreender essa historicidade interna ao sistema, porque, como diz Guimarães Rosa, as línguas são sempre ‘rastros de velhos mistérios’.” (FIORIN, 2014, p. 70).

lengua, historia y cultura, como punto de partida y base para el desarrollo del universo creado por Tolkien y no como meros elementos decorativos de su narrativa.

Palabras-clave: Lengua. Historia. Literatura.

1 Introdução

Toda língua tem história. Evanildo Bechara (2015, p. 31) destaca, com precisão, que “a linguagem se apresenta sempre sob a forma de língua, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe língua desacompanhada de sua referência histórica [...]”. A própria existência de um idioma pressupõe uma tradição linguística perpetuada através da história de um povo (BECHARA, 2015).

Mais que isso, em verdade. Passando ao largo — em função do escopo específico deste trabalho —, de discussões como o relativismo linguístico de Sapir e Whorf, é seguro afirmar, ao menos, que a língua traz em si, em certo grau, uma visão de mundo, uma ideologia da comunidade a que pertence (FIORIN, 1998). O idioma desenvolve-se na história de uma sociedade, em uma relação dúplice, em que carrega consigo a tradição de seu povo, ao mesmo tempo em que transporta valores que ajudam a conformar a visão de mundo daquela comunidade (FIORIN, 2014). Tais conceitos aplicam-se plenamente às línguas naturais, desenvolvidas pelos povos ao longo de sua história. E quanto às ditas línguas artificiais, aquelas que são, conforme Stria (2015), resultado de planejamento e criação deliberados e conscientes?

Este pensamento acometeu um filólogo inglês, desde a infância entusiasta de línguas artificiais (TOLKIEN, 2006), chamado J. R. R. Tolkien. Em dado momento, Tolkien sentiu ter “descoberto” que “as ‘lendas’ dependem do idioma ao qual pertencem, mas um idioma vivo depende igualmente das ‘lendas’ que ele transmite pela tradição” (TOLKIEN, 2006, p. 222). A partir disso, resolveu trabalhar para fornecer às suas línguas inventadas “um mundo no qual uma forma de idioma agradável à minha estética pessoal pudesse parecer real.” (TOLKIEN, 2006, p. 253). Assim, Tolkien (2006, p. 211, grifos originais) pôs-se a desenvolver um universo complexo, “*fundamentalmente linguístic[o]* em inspiração”⁵. Sua mitologia é a mais ampla possível: narra a história de povos, nações, continentes, guerras, eras incontáveis no tempo; descreve a criação e o destino último da humanidade (TOLKIEN, 2009d). Detalha calendários, alfabetos, cidades, genealogias, mapas, anuários de acontecimentos (TOLKIEN, 2009a, 2009b, 2009c, 2009d).

⁵ “A invenção de idiomas é a base. As ‘pedras’ foram antes criadas para fornecer um mundo para os idiomas do que o contrário. Para mim, um nome vem primeiro e a história depois. Eu teria preferido escrever em ‘Élfico’.” (TOLKIEN, 2006, p. 211).

O resultado é uma obra ímpar na literatura (STRIA, 2015), em que uma língua (artificial) e uma história (ficcional) se entrelaçam decisivamente, pois Tolkien criou um mundo para dar suporte às suas línguas e não o contrário: trata-se de uma história baseada em seus interesses filológicos (BRADY, 2011). O gênero literário fantástico foi completamente remodelado pela obra de Tolkien, conforme opinião de Farrugia (2018, p. 58, tradução livre):

Não existem escritores de fantasia atualmente que possam dizer que trabalham inteiramente fora da influência de Tolkien; o impacto de *O Senhor dos Anéis* permeou muito do gênero, e com as línguas construídas não é diferente.

Trataremos, neste trabalho, da relação entre língua e história na obra de Tolkien e de como o autor modulou seu universo fantástico a partir dos idiomas por ele criados.

2 Um pouco sobre línguas artificiais

Em brevíssima síntese, conforme a lição de Stria (2015), pode-se afirmar que o termo *línguas artificiais* engloba uma vasta gama de possibilidades: é gênero que abarca todo tipo de linguagem⁶ desenvolvida de maneira deliberada e consciente.

A história das línguas artificiais sempre oscilou entre dois polos: a construção de línguas com a finalidade de comunicação e a criação de idiomas artísticos⁷, em que se buscava capturar a perfeição estética, metafísica ou espiritual (FIMI, 2018). Tal distinção, na verdade, fica relativizada na obra de Tolkien, como entende Brady (2011, p. 23, tradução livre):

Q[u]jenya, Noldorin [sindarin], e todas as demais línguas que Tolkien inventou (ou ao menos rascunhou) para o seu legendário, são tanto artísticas (feitas para produzir “prazer”, criadas para serem belas, ou ao menos simétricas e coerentes, com um “sabor” ou “personalidade” específicos) enquanto, ao mesmo tempo, são utilitárias — claro que faladas apenas por povos imaginários em um contexto ficcional, mas assim mesmo, dentro do mundo inventado do legendário, são uma ferramenta de comunicação.

Os exemplos de criação de línguas artísticas são muitos e vêm desde, pelo menos, a literatura medieval⁸ (STRIA, 2015). O final do século XIX e o início do século XX foram períodos férteis para a experimentação linguística, tanto no viés utilitário — buscando

⁶ Cf. Stria (2015, p. 40) para descrição completa dos tipos possíveis de linguagem artificial.

⁷ “Art-language”: assim o próprio Tolkien (1997, p. 210) denominava criações como a sua.

⁸ Stria (2015, p. 77) aponta como exemplos de obras que contam com criação de línguas artísticas (ao menos em parte): *Utopia*, de Morus (1516); *Pantagruel*, de Rabelais (1532); *As Viagens de Gulliver*, de Swift (1726). Diversos romances franceses dos sécs. XVII e XVIII traziam idiomas inventados. Mais recentemente, temos como exemplos os trechos do idioma de Cthulhu, de Lovecraft (1928); o nadsat em *Laranja Mecânica*, de Burgess (1962); o fremen em *Duna*, de Herbert (1965). Saindo da literatura, mencionamos, a título de exemplo, o klingon do universo de *Star Trek*; o dothraki (desenvolvido plenamente para a série de TV *Game of Thrones*, baseada na obra literária de Martin); o Na’vi, do filme *Avatar*.

desenvolver idiomas para a comunicação entre as pessoas no mundo real — como na intenção artística (FIMI, 2018). Nesta época surgem as primeiras tentativas de desenvolvimento de línguas auxiliares internacionais, da qual o exemplo maior é o esperanto, publicado originalmente por seu criador, Ludwik Zamenhof, em 1887.

Considerando as dificuldades de comunicação da época, o esperanto se espalhou notoriamente bem, transcendendo a comunicação escrita e ensejando congressos mundo afora⁹ (PITA, 2002). Desenvolvido para se tornar uma segunda língua (e, assim, facilitar as comunicações entre falantes de diferentes idiomas), o esperanto destaca-se pela sua regularidade, simplicidade e por ter seu léxico majoritariamente baseado nas línguas indo-europeias da Europa. O fato é que uma língua, mesmo construída, carrega em si ideologias e visões de mundo. O próprio nome do esperanto, “o que tem esperança, o esperançoso” em português, traduz um estado de espírito do seu criador. O esperanto nasce com aspirações internacionalistas, objetivando servir como um instrumento de paz mundial (PITA, 2002).

Embora expresse simpatia pelo esperanto (TOLKIEN, 1997), Tolkien em certa oportunidade definiu bem seu entendimento da relação entre línguas artificiais e a história (TOLKIEN, 2006, p. 222, grifos originais):

Assim que a Guerra de 1914 explodiu sobre mim, fiz a “descoberta” de que as “lendas” dependem do idioma ao qual pertencem; mas um idioma vivo depende igualmente das “lendas” que ele transmite pela tradição. (Por exemplo, que a mitologia grega depende muito mais da maravilhosa estética de seu idioma e, desse modo, de sua nomenclatura de pessoas e lugares e menos de seu conteúdo do que as pessoas percebem, apesar de obviamente depender de ambos. E *vice-versa*. O volapük, o esperanto, o ido, o novial etc., etc. estão mortos, muito mais mortos do que idiomas antigos não usados, porque seus autores nunca inventaram quaisquer lendas esperantistas).

3 Tolkien, inventor de línguas

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) foi um filólogo, linguista, professor universitário e autor inglês nascido em Bloemfontein, África do Sul, amplamente reconhecido pela criação de um universo mitológico épico e fantástico, representado, mas não exaurido, nas obras *O Hobbit* (1937), a trilogia *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), *O Silmarillion* (1977), *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média* (1980), *Os Filhos de Húrin* (2007), *Beren e Lúthien* (2017) e *A Queda de Gondolin* (2018), os cinco últimos publicados postumamente, a partir de notas, mapas, anuários e rascunhos organizados por seu filho Christopher.

⁹ Tolkien (1997, p. 198) presenciou a realização de um congresso esperantista em Oxford, em 1930.

Tolkien foi apresentado por sua mãe, desde muito cedo, ao latim, ao francês e ao alemão (CARPENTER, 2018). Ainda jovem, teve contato com o grego e com inglês médio e antigo (CARPENTER, 2018), além do gótico (STRIA, 2015). Através do conhecimento de formas arcaicas da sua língua materna, descobriu a literatura épica medieval, que tanto influenciaria a sua obra (CARPENTER, 2018).

Começou a criar idiomas ainda criança (TOLKIEN, 2006). Suas primas Mary e Marjorie Incledon ensinaram-no o “animálico” (CARPENTER, 2018), uma língua cujo léxico compreendia apenas nomes de animais (TOLKIEN, 1997). Depois, com Mary, Tolkien desenvolveu o “nevbosh”¹⁰ (TOLKIEN, 1997, p. 202), com base em inglês, francês e latim (CARPENTER, 2018). Sua primeira criação própria foi o “naffarin”, uma língua fortemente baseada no espanhol (CARPENTER, 2018) e construída mais ao seu gosto linguístico (TOLKIEN, 1997).

Toda essa trajetória tomou novo rumo quando Tolkien, no início da graduação, aprofundou seus conhecimentos em galês e descobriu o finlandês (CARPENTER, 2018). No idioma céltico, encontrou “duradoura satisfação linguística-estética”; ao achado do finlandês referiu que “[f]oi como descobrir uma adega completa repleta de garrafas de um vinho estupendo de um tipo e sabor jamais provado antes. Em muito me embriagou [...]” (TOLKIEN, 2006, p. 206).

O finlandês o fascinou, especialmente a leitura do *Kalevala* (“Terra dos Heróis”), coletânea de poemas mitológicos finlandeses (CARPENTER, 2018). Em 1916, em carta à sua noiva Edith Bratt, Tolkien (2006, p. 14) disse estar trabalhando em uma “absurda língua de fadas” que, com o tempo, veio a se tornar o quenya, também conhecido como Alto-Élfico em sua obra. Em algum momento dos anos 1920, passou a criar também alfabetos próprios para suas línguas (TOLKIEN, 2006): os *tengwar* ou *tîw* (escrita élfica), para traçado a pena ou pincel, e os *certar* ou *cirth* (runas), para entalhe em pedra ou madeira (TOLKIEN, 2009c). Sua profunda paixão e amplo conhecimento da linguística permitiam um avanço nas criações dos idiomas, definindo relações filogenéticas de modo que alguns fossem ancestrais de outros (TOLKIEN, 2006). A admiração pela estética e sonoridade do galês levou à criação do sindarin, língua dos elfos-cinzentos, aparentado do quenya por sua origem em um Élfico Primitivo comum.

4 Uma história para as línguas

¹⁰ “Nevbosh” significava “novo absurdo” (“*new nonsense*”).

Em sua juventude, Tolkien criou aquilo que viria a se tornar o quenya, sua língua artística mais desenvolvida e de papel destacado em sua literatura. Em meados da década de 1910, com o idioma já em estado avançado de complexidade, começou a escrever poesia nele (CARPENTER, 2018)¹¹. Segundo Hyde (1989, p. 49), tratava-se ainda de “um dialeto desconhecido de uma língua em transição”. A influência da fonologia e da estética do finlandês (TOLKIEN, 2006) e, em menor grau, do grego, do latim e do espanhol sobre o quenya (FAUSKANGER, 2004) era reconhecida por Tolkien (2006).

Tal como o quenya era a concretização de uma língua baseada em sua preferência estética pelo finlandês, Tolkien também decidiu criar uma segunda língua élfica, refletindo seu gosto pela fonologia do galês: chamou-a posteriormente de sindarin (CARPENTER, 2018). Tolkien possuía algum material poético em inglês, incluindo um embrião de sua futura mitologia: *A Viagem de Earendel*¹², *a Estrela Vespertina*, escrito por volta de 1914 (CARPENTER, 2018).

Por volta de 1915, acometido pelo sentimento de que a língua, sozinha, nada significa sem a sociedade e a cultura que lhe dão significado (CORNWELL, 2011), Tolkien propôs-se a criar para seu idioma “uma habitação adequada e uma história na qual possa desenvolver-se.” (TOLKIEN, 2006, p. 354). Decidiu, assim, que o quenya seria “a língua falada pelas fadas ou elfos que Earendel vira durante sua estranha viagem.” (CARPENTER, 2018, p. 109). Compôs, então, a *Balada de Earendel*, longo poema que antecipa muitos dos elementos-chave de seu legendário.¹³

Seduzido, dentre outras obras, pelo *Kalevala* — em especial pela história trágica do herói Kullervo (TOLKIEN, 2006) — e acometido por uma sensação inescapável de que faltava ao povo inglês uma tradição épica e uma mitologia própria como as que admirava nas lendas gregas, celtas, românicas, germânicas, escandinavas e finlandesas¹⁴, Tolkien designou a si

¹¹ Um exemplo da dificuldade de lidar com as anotações esparsas, desorganizadas e algumas vezes ininteligíveis de Tolkien: Carpenter, em *J. R. R. Tolkien: uma biografia* (publicada originalmente em 1977), trouxe uma versão de quatro versos escritos por Tolkien entre 1915 e 1916. Anos mais tarde, Hyde teve acesso, através de Christopher Tolkien, às anotações originais do poema, verificando que Carpenter havia tido dificuldades de leitura e transcrevera o trecho incorretamente. O próprio original trazia anotações acerca da variação das palavras (*lintuilinda* x *lintuilindova*; *sinq'* como contração de *sinqe*). A versão publicada por Hyde (1988, p. 48) do trecho em questão, parte de um poema maior chamado *Narqelion*, é: “*Ai lintuilind(ov)a Lasselanta / Piliningeve síyer nalla qanta / Kuluvai ya karnevalinar / V'ematte sinq' Eldamar*”, cuja tradução aproximada pode ser: “Eis o breve, cantante Outono / Flechas azuis sopradas dos vales plenos / Nuvens douradas que alegravam outrora / Como mãos juntas suspiram por Eldamar” (CARPENTER, 2018, p. 108, nota do tradutor).

¹² A grafia definitiva “Eärendil” só foi estabelecida anos mais tarde (CARPENTER, 2018, p. 131).

¹³ Valinor, as Duas Árvores, a viagem de Eärendil, dentre outros. O texto nunca foi terminado, mas sua própria existência foi integrada na mitologia: Bilbo canta alguns de seus versos em Valfenda (TOLKIEN, 2009a, p. 246-249) e, n’*O Silmarillion* (TOLKIEN, 2009d, p. 313), menciona-se que a *Balada* descreve as muitas aventuras de Eärendil antes de sua chegada a Aman.

¹⁴ “Além disso - e aqui espero não soar absurdo -, desde cedo eu era afligido pela pobreza do meu próprio amado país: ele não possuía histórias próprias (relacionadas à sua língua e solo), não da qualidade que eu buscava e encontrei (como um ingrediente) nas lendas de outras terras. [...] É claro que havia e há todo o mundo arthuriano mas este, poderoso como o é, foi naturalizado imperfeitamente, associado com o solo britânico mas não com o inglês, e não substituí o que eu sentia estar faltando.” (TOLKIEN, 2006, p. 141).

mesmo tal tarefa (TOLKIEN, 2006). Uma tarefa eminentemente linguística em origem. Brady (2011, p. 20, tradução livre) aduz que:

Não apenas a linguagem está diretamente amarrada à história, mas as histórias que ela conta são essenciais para formar as culturas que formaram a linguagem. Tolkien poderia argumentar que o primeiro produto da linguagem são seus mitos e que essas histórias servem então para moldar uma sociedade crescente.

A criação da mitologia tolkieniana começa pelo conto *A Queda de Gondolin*, que relata a derrota do último reduto élfico diante de Morgoth (CARPENTER, 2018). Na fuga escapa Eärendil, o personagem de sua poética anterior. Foram então escritos *Os Filhos de Húrin*, influenciados pela tradição finlandesa¹⁵ e islandesa (CARPENTER, 2018) e *Beren e Lúthien*, que viria a se tornar um polo central das lendas da Primeira Era de sua mitologia (CARPENTER, 2018). Os nomes dos locais e personagens são todos baseados nas suas línguas inventadas. Sucedeu-se então toda a história ao redor daqueles primeiros trabalhos: quem eram os elfos? Qual era a natureza do poder maligno de Morgoth? Para onde viajou Eärendil? O que eram as Silmarils? Quem as criou? A quais povos pertenciam Eärendil, Húrin, Túrin, Beren, Lúthien? Como era Doriath, o reino de Elu Thingol? Pois era esse o método de Tolkien: trabalhar não como um escritor, mas como um cronista de um período histórico remoto, com a “sensação de registrar o que já estava ‘lá’ em algum lugar, e não de ‘inventar’.” (TOLKIEN, 2006, p. 142). Nas palavras de Carpenter (2018, p. 134, grifo original):

Com o passar dos anos, Tolkien passou a considerar cada vez mais suas línguas e narrativas como “reais” e crônicas históricas que tinham de ser elucidadas. Em outras palavras, quando essa concepção se impunha e Tolkien se via diante de uma contradição na narrativa ou de um nome insatisfatório, ele não dizia: “Isso não está como eu quero: preciso modificar.” Em vez disso, abordava o problema da seguinte maneira: “O que significa isso? Preciso *descobrir*.”

Tolkien rejeitou a visão modernista de que a língua deveria ser separada de sua história (BRADY, 2011). Tal posição foi propagada, principalmente, pela recepção ao *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, publicado postumamente em 1916. Fiorin (2014) critica o entendimento de que Saussure destituiu a língua de sua dimensão histórica, mas esse era o ambiente acadêmico da linguística na primeira metade do século XX.

Em certa oportunidade, Tolkien disse que suas línguas “possuem uma espécie de existência, visto que as compus em uma certa totalidade, assim como sua história e o relato de sua relação.” (TOLKIEN, 2006, p. 170). A visão que tinha de seus idiomas era, tais como

¹⁵ A história d’*Os Filhos de Húrin* é fortemente inspirada no conto de Kullervo, cujo destino e morte são semelhantes aos de Túrin Turambar.

línguas naturais, a de integrantes de um mesmo tronco linguístico, originário de um élfico primitivo (FAUSKANGER, 2004).

Podemos encontrar nos escritos de Tolkien inúmeras lições linguísticas acerca da evolução do élfico primitivo para o quenya e o sindarin¹⁶, o parentesco entre as línguas, como se deu a evolução dos fonemas, radicais, conjugações etc. Foge ao espaço limitado deste trabalho analisá-las¹⁷. Como breve exemplo da evolução divergente dos dois idiomas, pode-se mencionar o nome do rei de Doriath, de sua forma original em quenya para o sindarin: *Elwë* (que significa “homem das estrelas” em quenya) é *Elu* em sindarin; *Sindacollo* ou *Singollo* (“manto-cinza”) passa a ser *Thingol*. Assim, *Elwë Singollo* (forma mais comum) foi traduzido do quenya para o sindarin como *Elu Thingol* (TOLKIEN, 2009d).

O élfico primitivo gerou o quenya e o sindarin, e alguma razão era necessária para os dois idiomas evoluírem separadamente da sua protolíngua. Assim, a história dos elfos justifica a criação linguística de Tolkien.

5 Breve história dos elfos e suas línguas

O complexo e elaborado universo criado por Tolkien foi muito bem detalhado do ponto de vista linguístico. Na mitologia tolkieniana, os elfos, ao despertar em Cuiviénen, falavam uma língua comum, um *élfico primitivo*, da qual descendem todas as demais. Os elfos chamaram a si mesmos *quendi*, “aqueles que falam com vozes” (TOLKIEN, 2009d, p. 47-48). Alguns elfos, assustados, fogem para as matas e não seguem viagem: são os *avari*, “os Relutantes” (TOLKIEN, 2009d, p. 52). Os demais optam por empreender longa viagem ao oeste, e dividem-se em três clãs: *vanyar*, *noldor* e *teleri*. A língua dos *vanyar* e *noldor* (por vezes chamada de *eldarin comum*), à frente na jornada para o oeste, veio a se tornar o *quenya*, o Alto-Élfico, idioma mais elaborado por Tolkien. A língua dos *teleri* evoluiu para o que é conhecido como *telerin comum*, e deu origem ao *telerin* (falado pelos *falmari*, *teleri* que chegaram a cruzar o Grande Mar, era aproximado do quenya a ponto de haver inteligibilidade mútua), ao *sindarin antigo*, que evoluiu para o *sindarin*, e ao *nandorin*, língua dos elfos-verdes. Os *avari*, que se recusaram a ir para o oeste, desenvolveram diversas línguas próprias, congregadas sob o nome *avarin*.

Com essas informações, podemos traçar um esquema do tronco linguístico élfico:

¹⁶ Majoritariamente nas *Cartas* (2006) e nos livros da coleção *The History of Middle-earth* (editados por Christopher Tolkien), mas há menções pontuais até mesmo no apêndice *Escrita e ortografia d'O Retorno do Rei* (2009c, p. 405-406).

¹⁷ Cf. FAUSKANGER, 2004, para um completo estudo linguístico do quenya.

Diagrama 1 – Árvore genealógica das línguas élficas na obra de Tolkien



Fonte: Wikipedia¹⁸

Por fim, cabe mencionar que Tolkien também idealizou línguas para os demais povos de Arda: uma série de idiomas para os Homens, uma língua para os Ents, outra para os Anões e até mesmo a Língua Negra, usada por Sauron e seus asseclas. Estes idiomas, porém, não foram desenvolvidos plenamente. Sem dúvida, as línguas élficas são as mais elaboradas e de maior interesse para o estudo da linguística no universo tolkieniano.

6 A influência indo-europeia

É certo que toda a obra de Tolkien tem inspiração europeia¹⁹. Elfos, anões, orcs, dragões cuspidores de fogo são todas criaturas com origem em mitologias de culturas europeias. O próprio Tolkien (2006, p. 141) reconheceu o vínculo:

[o corpo de lendas] [d]everia possuir o tom e qualidade que eu desejava, um tanto sereno e claro, com a fragrância do nosso “ar” (o clima e solo do noroeste, tendo em vista a Grã-Bretanha e as partes de cá da Europa: não a Itália ou o Egeu, muito menos o Oriente) e [...] a clara beleza elusiva que alguns chamam de céltica [...].

Em outra oportunidade, pode-se constatar um referencial para as inspirações da geografia da Terra-média (TOLKIEN, 2006, p. 355):

[Terra-média] é uma palavra antiga, não inventada por mim [...]. Significava as terras habitáveis do nosso mundo, situadas no meio do Oceano circundante. A ação da história ocorre no noroeste da “Terra-média”, equivalente em latitude às regiões costeiras da Europa e às costas setentrionais do Mediterrâneo. [...] Se a Vila dos Hobbits e Valfenda forem consideradas (como pretendido) como estando por volta da latitude de Oxford, então Minas Tirith, 600 milhas ao sul, está por volta da latitude de Florença. As Fozes do Anduin e a antiga cidade de Pelargir estão por volta da latitude da antiga Troia.

Tolkien mencionou que via o parentesco entre quenya e sindarin tal qual do latim com os idiomas célticos britânicos em sua raiz comum indo-europeia (TOLKIEN, 2006). A

¹⁸ Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Elvish_languages_\(Middle-earth\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Elvish_languages_(Middle-earth)). Acesso em 29 set. 2020.

¹⁹ Em tamanho grau que enseja percepções, como a de Farrugia (2018, p. 36), de que as inspirações de Tolkien sobre o “belo” reforçam o eurocentrismo linguístico e cultural.

associação do quenya ao latim é expressa quando chama a língua de seu “latim élfico” (TOLKIEN, 2009c, p. 420) e diz tê-lo composto sobre uma base latina (TOLKIEN, 2006). Refere-se ao quenya, também, como um “idioma arcaico da tradição”; na mesma passagem, Tolkien aduz que “[o sindarin] [d]eriva de uma origem comum ao *Quenya*, mas as mudanças foram deliberadamente planejadas para dar-lhe um caráter linguístico muito similar (embora não idêntico) ao galês britânico [...]”. Ou seja, línguas de “um tipo europeu em estilo e estrutura (não em detalhes)” (TOLKIEN, 2006, p. 170, grifo original).

A linguística histórica do tronco indo-europeu sofreu sensíveis evoluções com base em estudos arqueológicos e genéticos no final do século XX (FISCHER, 2009). Predominam, hoje, as teorias da estepe ou hipótese de Kurgan e a teoria da Anatólia (MALLORY; ADAMS, 2008) para explicar o local de origem do protoindo-europeu, o idioma do qual derivam todos os demais integrantes da família linguística indo-europeia, e de seus falantes originais. As duas teorias determinam a existência de um ou mais povos de língua protoindo-europeia, desenvolvendo-se nas regiões ao redor, entre ou próximas aos mares Negro e Cáspio, que migram (invadindo ou ocupando pacificamente, através de sua agricultura superior) em direção ao oeste (VILLAR, 1991), tornando-se a cultura linguística dominante das terras entre o Atlântico, o Ártico e o Mediterrâneo.

É possível traçar paralelos entre a história das línguas indo-europeias e a história interna das línguas dos elfos. O povo élfico surgiu junto ao Cuiviémen, um “mar”, “lagoa” ou “baía” que “ficava a grande distância a leste da Terra-média” (TOLKIEN, 2009d, p. 47). Empreenderam longa marcha para o oeste, ingressando em terras litorâneas circundadas pelo grande oceano. Ao chegar nas terras de Beleriand, tornaram-se linguística e culturalmente dominantes.

Há, também, interessantes paralelos fonológicos entre o élfico primitivo e o idioma protoindo-europeu. Coelho (2006) demonstra que o élfico primitivo e o quenya compartilham o mesmo sistema vocálico do protoindo-europeu. Também indica que Tolkien optou por igualar a distribuição de oclusivas do élfico primitivo ao grego, já que não havia, à época, consenso neste tema em relação ao protoindo-europeu. Pode-se mencionar, ainda, a alofonia z/s, quando o fonema precede oclusivas sonoras, presente tanto na língua primitiva real quanto na ficcional.

Assim, podemos perceber como a criação da linguística tolkieniana se aproxima da forma como as línguas naturais evoluem no mundo real. Na definição de Coker (2016, p. 1245, tradução nossa):

Por conta de seu talento linguístico e conhecimento das línguas clássicas, Tolkien observou quatro princípios usados por toda língua natural e aplicou cada princípio para soprar vida em suas próprias criações. Primeiro, cada mudança sonora em uma língua deve compreender “sentido e o falante”. Segundo, leva tempo para as línguas se desenvolverem, tal como governadas pelas leis regulares e naturais. Terceiro, línguas diferentes podem relacionar-se umas com as outras, e, finalmente, línguas, especialmente línguas artificiais, precisam de um mundo no qual possam prosperar [...]. Esses princípios permitiram ao Élfico de Tolkien transcender outras línguas artificiais porque o Quenya e o Sindarin foram ambos desenvolvidos de acordo com as leis das línguas naturais.

7 Considerações finais

No universo do professor J. R. R. Tolkien, as línguas são a base de tudo, o motivo da existência das lendas. Por conta de seu prazer pela invenção linguística, Tolkien desenvolveu diversas línguas artificiais, das quais se destacam o quenya o sindarin. A riqueza do universo mitológico de Tolkien não encontra paralelos na literatura. A complexidade de suas línguas e da história delas em sua obra tem diversos fundamentos. O entrelace entre língua e história alcançou um nível ímpar na mitologia tolkieniana, que se caracteriza, de forma única na literatura, por sua inspiração linguística.

Estabelecer um universo onde esses idiomas existissem, se desenvolvessem e fossem falados foi a inspiração original para a criação de sua literatura. O resultado é uma história rica, envolvente e com um altíssimo grau de verossimilhança. O mundo tolkieniano muitas vezes nos parece um antecessor do nosso próprio, tal o nível de detalhamento do mundo ficcional, o alcance da história contada e a força das narrativas do legendário.

Toda a sua narrativa, personagens, batalhas, povos, cidades, florestas e tudo o que integra o seu universo povoa a imaginação de seus milhões de leitores mundo afora: *O Senhor dos Anéis* é considerado o segundo livro de ficção mais vendido da história, com mais de 150 milhões de cópias comercializadas, enquanto *O Hobbit* figura na quinta posição, com mais de 100 milhões de exemplares (MOORE, 2019). Tolkien nos legou uma literatura que influencia até hoje, quase 90 anos depois da publicação de *O Hobbit*, praticamente toda a fantasia moderna, em diversos meios artísticos. Não menos importante, sua criação linguística é objeto de estudo, tanto academicamente quanto por prazer de seus fãs.

Por estranho que pareça, sem dúvida foi essa [invenção de línguas] a fonte de toda aquela riqueza e concretude sem paralelo que mais tarde iriam torná-lo diferente de todos os outros filólogos. *Ele esteve dentro da linguagem.*

C. S. Lewis²⁰

²⁰ CARPENTER, 2018, p. 184, grifo nosso.

Referências

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BRADY, Hannah. The fantasy of the real: J. R. R. Tolkien, Modernism, and Postmodernism. **English Seminar Capstone Research Papers**, [S.I.], vol. 7, 2011.
- CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- COELHO, Livy Maria Real. O sistema fonológico das línguas élficas comparado ao de línguas indo-europeias. **Revista X**, Curitiba, v. 2, dez. 2006.
- COKER, Laura. Tolkien's linguistics: the artificial languages of quenya and sindarin. In: NATIONAL CONFERENCE ON UNDERGRADUATE RESEARCH, 30., 2016, Asheville, NC, USA. **Proceedings** [...]. Asheville: University of North Carolina, apr. 2016. p. 1242-1249.
- CORNWELL, Melissa K. Language and legend in the fantasy fiction of J. R. R. Tolkien. **Honors Theses**, [S.I.], art. 342, 2011.
- FARRUGIA, Lindsay Michelle. **Óně tengwelë: Elvish and English: sound symbolism and ethnocentrism in J. R. R. Tolkien's constructed languages**. 2018. 72 f. Dissertação (Master of Arts) - The College of Graduate Studies, University of British Columbia, Okanagan, Canadá, 2018.
- FAUSKANGER, Helge Kåre. **Curso de quenya: a mais bela língua dos elfos**. Tradução de Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e Letra, 2004.
- FAUSKANGER, Helge Kåre. **Ardalambion: of the tongues of Arda, the invented world of J. R. R. Tolkien [1999?]**. Página inicial. Disponível em <https://folk.uib.no/hnohf/index.html>, acesso em 15 de abr. de 2020.
- FIMI, Dimitra. Language as communication vs. language as art: J. R. R. Tolkien and early 20th-century radical linguistic experimentation. **Journal of Tolkien Research**, [S.I.], vol. 5, n. 1, art. 2, 2018.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz. Língua e história em Saussure. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, p. 54-72, jan/jun. 2014.
- FISCHER, Steven Roger. **Uma breve história da linguagem**. Tradução de Flávia Coimbra. Osasco, SP: Novo Século, 2009.
- HYDE, Paul Nolan. Quenti Iambardillion. **Mythlore: A Journal of J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature**, [S.I.], v. 15, n. 2, p. 47-59, 1988.

HYDE, Paul Nolan. Quenti lambardillion. **Mythlore: A Journal of J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature**, [S.I.], v. 16, n. 2, p. 48-53, 1989.

MALLORY, James Patrick; ADAMS, Douglas Quentin. **The Oxford introduction to the proto-indo-european and the proto-indo-european world**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2008.

MOORE, Jeff. The best selling books of all time. **Ranker**, 2019. Disponível em <https://www.ranker.com/list/best-selling-books-of-all-time/jeff419?ref=collections&l=318721&collectionId=85>. Acesso em 21 de mai. 2020.

PITA, Luis Fernando Dias. Latim e esperanto, via internet. CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 5., 2002, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. série 5, n. 10.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STRIA, Ida. **Inventing languages, inventing worlds: towards a linguistic worldview for artificial languages**. Poznań, Polônia: Wydział Neofilologii UAM, 2015.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. A secret vice. *In*: TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The monsters and the critics and other essays**. TOLKIEN, Christopher (ed.). London: HarperCollins, 1997.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **As cartas de J. R. R. Tolkien**. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). Tradução de Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis: primeira parte: a sociedade do anel**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis: segunda parte: as duas torres**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis: terceira parte: o retorno do rei**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009c.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O silmarillion**. TOLKIEN, Christopher (org.). Tradução de Waldéa Barcellos. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009d.

VILLAR, Francisco. **Los indoeuropeos y los orígenes de Europa: lenguaje e historia**. Madrid: Córdor, 1991.